

ELEIÇÕES

Ausências do governador de São Paulo e do prefeito da capital paulista, Ricardo Nunes, em agenda oficial do presidente, para ampliação do metrô, sinalizam que disputa eleitoral de outubro movimentará o jogo político entre os entes federativos

Rugas de Lula com Tarcísio

» RENATO SOUZA

45 dias do início da campanha eleitoral, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva expõe rugas com o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), e com o prefeito da maior cidade do país, Ricardo Nunes (MDB). No sábado, o presidente esteve na capital paulista para anunciar investimentos federais na expansão da linha 5-Lilás do metrô. O evento ocorreu no Jardim Ângelo, na Zona Sul. No entanto, diante da ausência dos gestores locais, Lula não assinou o documento com o compromisso de investimento.

O petista afirmou que a decisão de não formalizar a participação da União na obra foi da Caixa Econômica Federal e do ministro das Cidades, Jader Filho. "Eu queria assinar o contrato da estação do metrô para chegar aqui, mas o prefeito que nos deu o terreno não veio, e o governador... Então, a Caixa e o ministro das Cidades resolveram não assinar, porque é importante fazer isso com o prefeito e com o governador", disse.

O presidente reforçou falas anteriores, nas quais alega que os investimentos do governo federal não levam em consideração os partidos dos demais gestores. "Para nós, quando a gente quer fazer investimento, crédito, a gente não se preocupa com o partido do governador, a gente se preocupa se o povo daquele estado precisa. Trazer o metrô para cá é uma necessidade de dar conforto a vocês", disse Lula.

A União deve repassar R\$ 1,7 bilhão a São Paulo para a expansão do metrô. A previsão é de que duas estações sejam construídas, assim como um instituto federal. Os recursos fazem parte do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), um dos grandes triunfos políticos e sociais de Lula, que há meses já sinaliza para uma tentativa de reeleição dentro de dois anos, nas eleições gerais. Atualmente, ele é cabo eleitoral de Guilherme Boulos, pré-candidato a prefeito, concorrente direto de Nunes.

O presidente chegou a ser multado em R\$ 20 mil por campanha antecipada para Boulos durante eventos oficiais. Já Tarcísio pode ser o principal



Eu tenho muita amizade com prefeitos, mas queria dizer que estou aqui diante do possível melhor gerente de prefeituras que esse país já teve, que é o Eduardo Paes. O Rio de Janeiro é a cara do Brasil"

Luiz Inácio Lula da Silva,
presidente da República

Ricardo Stuckert/PR



Lula esteve ontem no Rio e elogiou Eduardo Paes: "Lembram de Ipanema, de Copacabana, e agora lembram do Dudu"

opponente de Lula em 2026. Ele é apontado como o nome mais forte do núcleo bolsonarista para concorrer contra o PT. Apesar de ter sido ministro no governo da ex-presidente Dilma Rousseff, Tarcísio se aproximou do ex-presidente Jair Bolsonaro nos últimos anos e tem conquistado eleitores da direita.

A disputa eleitoral em São Paulo está acirrada, com Boulos e Nunes praticamente empatados nas principais pesquisas. A campanha de fato começa em 16 de agosto. No entanto, o cenário de disputa se desenhou desde o começo do ano. São Paulo é a prefeitura mais importante do país. O estado tem um PIB trilionário e sustenta uma população de 44 milhões de pessoas, sendo massa eleitoral extremamente relevante para definir os rumos políticos do país.

Agenda no Rio

Depois de embates políticos em São Paulo, o presidente Lula dedicou o domingo para visitar o Rio de Janeiro e fortalecer seu aliado no estado, o prefeito Eduardo Paes. Ambos participaram

de cerimônias de inauguração das primeiras unidades do Morar Carioca na favela do Aço, em Santa Cruz, na Zona Oeste do Rio. O presidente tem intensificado as visitas pelo país para fortalecer nomes do PT e aliados para o pleito deste ano.

Em seus discursos, Lula teceu elogios para Paes. "Eu tenho muita amizade com prefeitos, mas queria dizer que estou aqui diante do possível melhor gerente de prefeituras que esse país já teve, que é o Eduardo Paes. O Rio de Janeiro é a cara do Brasil. Ou lembram de Ipanema, de Copacabana, do Cristo Redentor, e agora lembram do Dudu", disse ele.

O presidente citou o ex-governador Sérgio Cabral, investigado em dezenas de processos. "Eu e esse moço, a gente não se dava bem. Eu não conhecia o Eduardo, mas sabia que, como deputado, ele batia muito em mim. Em 2008, eu já presidente da República, me aparece o governador do Rio de Janeiro com essa figura e pede pra mim: 'Presidente Lula, eu tô aqui com o candidato Eduardo Paes. Seria importante a gente ajudar ele a ganhar as eleições'", afirmou Lula.

» Defesa do programa Pé-de-Meia

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse que muitos o criticam por gastar "muito dinheiro com pobre", mas observou que, se esses recursos não forem investidos em educação, como o programa Pé-de-Meia, recém-lançado, vão mais tarde para a construção de cadeias. Lula também afirmou que vai mostrar que muito dinheiro nas mãos de poucos só traz mortalidade infantil, pobreza e fome, mas que pouco dinheiro nas mãos de muitos faz a economia girar. "Criamos um programa agora chamado Pé-de-Meia porque nós descobrimos que 500 mil crianças do ensino médio estão desistindo da escola para ajudar no orçamento familiar", disse.



ROBERTO BRANT

A HISTÓRIA NOS ENSINA QUE O RETORNO DOS POLÍTICOS AO PODER É QUASE SEMPRE UMA MALDIÇÃO. MAS O EMPENHO DE LULA EM ATRAPALHAR SEU NOVO GOVERNO É UM MISTÉRIO

Lula versus Lula

Todos os governos normais buscam a estabilidade econômica. Nos momentos de instabilidade, os principais preços da economia se tornam incertos e tanto as empresas quanto as pessoas suspendem ou adiam suas decisões de investir e de consumir, o que naturalmente diminui o ritmo de atividade e o próprio crescimento futuro. Portanto, qualquer que seja a orientação política do governo, a primeira missão de um governante é contribuir, pelas palavras ou pelo silêncio, para garantir o maior nível possível de estabilidade ou, na linguagem dos mercados, a ancoragem das expectativas.

Algumas fontes de instabilidade estão fora do controle dos governos, como é o caso das crises financeiras internacionais, dos conflitos armados

e dos eventos climáticos. Lidar com essas crises já exige muita competência e muitos recursos. Mesmo para quem gosta de emoção, não há nenhuma necessidade de provocar novas causas de imprevisão e incerteza no plano econômico. Por isso, são cada vez mais incompreensíveis os últimos movimentos e discursos do nosso presidente. Por cansaço ou por falta de entendimento, cada palavra de Lula adiciona mais incerteza e mais pessimismo na economia, sem nenhum propósito.

Veja-se seu antagonismo com o Banco Central. Ele não se conforma com o fato de ter que conviver dois anos com um presidente do Banco Central nomeado por seu antecessor, quando esta é exatamente a ideia da autonomia. Políticas de juros e de

estabilidade não são matérias para serem decididas em praça pública. Seu sucessor também terá que conviver dois anos com dirigentes indicados por ele. Ao chamar de adversário político o atual chefe do Bacen, comete no mínimo uma injustiça, por não se lembrar de que, no ano de 2022, em pleno processo eleitoral, este mesmo Bacen elevou os juros de 9,25% para 13,75%, enquanto de 2023 até agora diminuiu os juros dos 13,75% para 10,50%. Qual o objetivo de toda esta arenga senão causar tumulto e buscar culpados?

Ninguém gosta de juros altos, mas reduzi-los por meio de comícios seria o pior caminho. Afinal, ficamos livres da inflação graças ao Plano Real, que agora faz 30 anos, aprovado pelo Congresso apesar da oposição e dos discursos contrários do PT e de Lula. Esta é nossa melhor conquista e o maior avanço na proteção da renda da população mais pobre. Colocar isso em risco é uma irresponsabilidade.

Os juros estão altos por muitas razões e uma delas, não a única, é a questão fiscal. O desequilíbrio das contas públicas não é um fato de hoje. Vem de longe e foi agravado pela Constituição de 1988 e os governos do PT de 2010 até 2016. O atual governo Lula tentou o equilíbrio via aumento de impostos. Este caminho chegou ao limite e agora é preciso voltar-se para alguma redução das despesas.

Por uma razão difícil de compreender, Lula, em oposição à sua própria equipe econômica, tem adotado uma atitude defensiva, até mesmo negacionista, nesta questão. Todos sabemos que os políticos, quando acuados, não gostam de chamar as coisas pelos seus próprios nomes, mas, ao dizer que a maioria dos gastos no nosso Orçamento não são gastos, mas investimentos, Lula se superou, porque, de todos os gastos da União, menos de 2% são realmente investimentos.

Cortar os gastos atuais da União não é apenas um imperativo econômico, mas principalmente um ato de justiça, pois todos sabemos como o Orçamento está capturado por interesses que não são os da maioria da população. Se continuarmos com os atuais desequilíbrios, os juros continuarão elevados e o endividamento crescente vai pressionar a inflação e prejudicar o crescimento.

O que mais impressiona nas posições de Lula quanto ao Orçamento é que sua oposição aos cortes é praticamente desnecessária, pois já existe uma coalizão poderosa para manter as despesas públicas como estão. Talvez o problema fiscal não causasse tanta ansiedade, não fossem os discursos do presidente. A história política nos ensina que o retorno dos políticos ao poder é quase sempre uma maldição. Mas o empenho de Lula em atrapalhar seu novo governo permanecerá por muito tempo como um mistério.

CONSTRUÇÃO DA 3ª FAIXA NO TRECHO SOBRADINHO/PLANALTINA.

Acesse e saiba como essa obra vai facilitar a sua vida.

REDOBRE A SUA ATENÇÃO SE VOCÊ CIRCULO PELO LOCAL.

POR QUE ESSA OBRA É TÃO NECESSÁRIA?

Esse é um local com histórico de acidentes graves. Então, a construção da terceira faixa se tornou necessária para que você possa ter mais segurança.

DESCULPE O TRANSTORNO.